

Sem exageros na conta do hospital

“O Hospital faz ressonâncias, mantém cirurgiões e os equipamentos custam milhões de dólares. O custo é alto. E será cada vez mais alto”. A avaliação é do diretor administrativo do Hospital Santa Lúcia, Hamilton Heitor de Queiroz. Ele rebateu as denúncias de que os preços de medicamentos e materiais do hospital sejam exagerados.

“O preço nas farmácias em Brasília é mais barato do que nos hospitais”, argumentou. O motivo, segundo ele, é o acordo que reduziu a alíquota de ICMS, imposto sobre mercadorias, de 17% para 7% nas farmácias. “Além disso, há vários fabricantes para um determinado produto” afirmou

Queiroz garantiu que o Santa Lúcia usa os de melhor qualidade. Sobre a conta do comerciante An-

tônio Parente, Hamilton explicou porque foram feitos 25 exames de Aids. “Era um paciente grave, que perdeu muito sangue. Teve 12 doadores e para cada um fizemos dois testes para dar maior segurança ao paciente”, afirmou.

“O Hemocentro, o Albert Einstein, o Sírio Libanês e todos os grandes hospitais fazem duas técnicas”, comparou a médica Maria do Rosário, responsável pelo banco de sangue do Santa Lúcia.

TECNOLOGIA

O diretor do Santa Lúcia afirmou ainda que recentemente o hospital foi supervisionado pela Sunab. “Fomos fiscalizados e nada foi encontrado nos nossos preços”.

Disse também que recebe poucas reclamações com relação aos custos e que não pretende nivelar

os preços do paciente particular com os dos convênios. “O risco de um paciente particular é muito grande. Ele entra aqui, se trata e depois não tem como pagar”, explicou.

O presidente do Sindicato dos Hospitais, Délia Pereira, também apontou os avanços tecnológicos como o maior responsável pelo crescimento dos custos médico-hospitalares.

“A nova tecnologia trouxe vantagens no tratamento e permitiu diagnósticos precoces, aumentando a vida média do paciente, mas, em contrapartida, os custos são maiores”, justificou.